



## **29 – As Novas Formas de Pobreza**

**P.** *Boa tarde.*

*De novo com a Caritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco para mais uma conversa com Elicídio Bilé.*

*No último programa falámos do outro lado de Abril, numa alusão ao adormecimento e à deturpação dos valores que esta data, o dia 25 de Abril de 1974, trouxe a Portugal e aos portugueses.*

*Celebrámos na passada 5.ª feira o dia do trabalhador e, por esse facto, numa ligação ao que aqui foi dito sobre a liberdade, gostaríamos de ouvir do Elicídio Bilé a sua opinião sobre o conteúdo da celebração deste 1.º de Maio de 2008, 33 anos passados sobre o primeiro “1º de Maio” em democracia, no ano de 1974.*

*Pergunto-lhe:*

*-É possível fazer alguma comparação?*

**R.** *Boa tarde.*

Os factos históricos, quando muito, podem ser comparáveis quanto àquilo que eles representam e quanto ao seu contexto, mas não existe comparação quanto aos protagonistas, quanto à mensagem, nem quanto à forma de que se reveste a celebração desses factos.

Quem viveu aquele “1.º de Maio” de 1974, não esquece a unidade da população à volta do valor da liberdade e do despertar da esperança para os trabalhadores, que se traduziria em: melhores condições de trabalho; melhores salários; igualdade de oportunidades para todos; acesso à

negociação, sindicalismo liberto de tutelas, quer do estado, quer do patronato, etc.

Não houve localidade onde o povo não viesse à rua manifestar a sua alegria, convicto da bondade das propostas que iam surgindo das diferentes correntes políticas e sindicais, em total sintonia e unidade.

Não vou dizer que a esperança se gorou, mas todos sabemos que, com o andar dos tempos se foi perdendo o sentido da unidade.

Aqueles que até defendiam a unicidade sindical, acabaram por provocar grandes cisões no movimento sindical e perderam o sentido da unidade.

Se olharmos, hoje, para as comemorações do 1.º de Maio de 2008, constatamos que a visibilidade dessas comemorações só existiu em pouco mais de meia dúzia de cidades, com os manifestantes habituais de todas as manifestações de carácter político. E, em Lisboa, com o desedificante testemunho das duas centrais sindicais, cada uma por seu lado, a manifestarem-se em locais diferentes da cidade para não haver misturas.

- Para quê a unidade?

- Recordam-se da metáfora que utilizei no programa anterior, sobre a existência de duas margens separadas pelo rio que as devia unir?

- E sobre o eventual engano de Deus que, em vez de criar um mundo para todos e um tempo para todos, deveria, para satisfazer ambas as margens, ter feito dois calendários, um para cada margem?

Pois, também aqui é bem visível a aplicação dessa metáfora e a aplicação da mesma argumentação que então utilizei.

**P.** *Em sua opinião o movimento sindical está em crise?*

**R.** Em minha opinião, o movimento sindical não está em crise. O movimento sindical sempre foi aquilo que hoje é.

No passado era controlado pelo patronato, em democracia é uma correia de transmissão da política partidária.

Pergunto:

- Porque existem tantos sindicatos independentes, não filiados em qualquer das centrais sindicais?

- Porque é que a maioria dos trabalhadores não está sindicalizada?

Quer um exemplo?

- As recentes e justas manifestações dos professores, não foram superiores ao número de professores sindicalizados?

- Não continuam os professores a contestar os acordos que os sindicatos celebraram com o governo?

Creio que respondo à sua questão, com a natural subjectividade, como é óbvio.

**P.** *A sua resposta leva-me a colocar-lhe outra questão:*

*- Isso não empobrece a luta dos trabalhadores, concretamente sobre as esperanças que o tal primeiro "1º de Maio" trouxe?*

**R.** É como diz. Empobrece a luta dos trabalhadores e empobrece todos os trabalhadores, todas as famílias e toda a humanidade.

**P.** *Quer explicitar?*

**R.** Quanto menos capacidade reivindicativa tiverem os trabalhadores, mais se acentuam as desigualdades e mais cresce a pobreza.

Já reparou que, nunca como nos últimos anos, o problema da pobreza tem estado presente nos grandes fóruns nacionais e internacionais, como o maior flagelo que atinge a humanidade?

No presente constatamos que a pobreza cresce porque, a somar aos que já eram pobres, se juntam os novos pobres, provenientes da chamada "classe

média”, fruto da crise económica, social e política que se instalou e, para a qual não se vislumbra que seja minorada e muito menos resolvida a médio prazo, apesar da vazia propaganda dos governantes e de alguns políticos.

**P. *Não existe algum pessimismo na sua afirmação?***

**R.** Não existe pessimismo da minha parte, antes fosse pessimismo. Mas quem acompanha a marcha do tempo e olha para a comunicação social e para os estudos e para as intervenções dos cientistas, repara facilmente numa série de factores que poderão agravar a situação de pobreza, não só em Portugal, mas no mundo.

Desde logo porque, os diversos indicadores mostram-nos que a distribuição da riqueza é cada vez mais selectiva. Isto é, os ricos são cada vez mais ricos e o número de pobres cresce a um ritmo alucinante, como já referimos.

Já são visíveis, no presente, as novas formas de pobreza e no futuro poderão ser uma dura realidade.

Repare:

- A escassez de alimentos em várias partes do globo está a provocar que muitos dos países produtores estejam a blindar a exportação de cereais, para se precaverem da falta destes produtos nos mercados, constituindo reservas para o consumo nos seus próprios países. Em Portugal a Cáritas já denunciou a falta de alimentos para muitos portugueses pobres;
- O despidorado desvio de cereais para a produção de “bio-diesel” destinado à produção de energia, quando fazem falta para matar a fome que grassa no mundo;
- A crescente subida dos preços dos produtos petrolíferos, com grande incidência no custo dos produtos, dos bens de consumo e do custo dos serviços;

- A diminuição dos níveis freáticos para captação de água potável e a salinização das águas dos rios que vai muito para além da foz dos mesmos, como no caso da bacia hidrográfica do Tejo que vai para lá de Vila Franca de Xira, colocando em risco o regadio da lezíria ribatejana, se nada for feito para o evitar;
- As alterações climatéricas, por desrespeito do nível admissível de emissão de gases para a atmosfera, alterando os ciclos produtivos dos produtos agrícolas e hortícolas;
- O crescente abandono dos campos e dos meios rurais, contribuindo para o aumento da população urbana e do consumo, e para a terciarização da actividade económica, em detrimento do sector primário (agricultura);
- Outra forma de pobreza é o envelhecimento da população que não se consegue reproduzir ao mesmo ritmo da que deixa a vida activa, com o consequente agravamento das despesas no consumo, na saúde, etc.

Os idosos constituem o grupo etário mais fortemente atingido pela pobreza, em Portugal.

Poderia continuar a apresentar outros factores que contribuem para o aumento da pobreza no mundo mas, creio que, a título de exemplo, é suficiente.

**P.** *Existindo esse conhecimento por parte dos Estados, não poderíamos evitar que se cheguem a concretizar as ameaças que refere?*

**R.** Eu tenho esperança que sim. Se assim não fosse pergunto: qual seria do futuro da humanidade?

Mas, para o conseguirmos depende muito do nosso contributo pessoal e comunitário, desde que se fale verdade, e se difunda informação relevante, sobre as medidas concretas tendentes a inverter a situação actual. Acima de

tudo é preciso vontade política para mudar. É preciso que se valoriza a investigação científica. É preciso ter consciência da realidade.

O que acontece é que, por vezes parece não haver essa consciência, nem haver vontade política de lutar, efectivamente, contra a pobreza nas suas mais variadas formas.

- Quer um exemplo português?

No Jornal “Público” do dia 17 de Abril, na secção “Opinião”, três entidades: – A Plataforma Portuguesa das ONGD, a Campanha Pobreza zero e a Campanha Objectivo 2015, publicaram uma carta aberta dirigida ao Primeiro-Ministro manifestando a preocupação pela diminuição, por parte de Portugal, para a Ajuda Pública ao Desenvolvimento.

Pela relevância do assunto, pelos objectivos desta ajuda contra a pobreza e pela matéria que hoje estamos a tratar, vale a pena ler alguns excertos desta carta.

Diz o seguinte:

*“A opinião pública portuguesa acaba de tomar conhecimento pela comunicação social de que Portugal é um dos países que menos contribuem para a Ajuda Pública ao Desenvolvimento.*

*Com efeito, o relatório da OCDE, divulgado há poucos dias, identifica Portugal, em conjunto com o Reino Unido, como os únicos países que baixaram a sua contribuição para a Ajuda Pública ao Desenvolvimento, entre os 15 países da União Europeia que fazem parte do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento e excluídas as verbas de perdão de dívidas.*

*Este facto vem confirmar a tendência de decréscimo contínuo a partir de 2002 (ano em que contribuiu com 0,27% do Rendimento Nacional Bruto), para se reduzir a 0,19% em 2007, com uma quebra de 9,4%.*

*Os resultados agora divulgados são tanto mais graves quanto se verificam no mesmo ano em que Portugal assumiu a responsabilidade de organizar a Cimeira Europa-África.*

*Contrariamente a países como a Espanha, que mostra um crescimento sustentado (atingindo os 0,41% do Rendimento Nacional Bruto), o Estado Português falta assim uma vez mais aos compromissos anterior e repetidamente assumidos, que passavam por aumentar os montantes para o equivalente a 0,33% já em 2006. Mais grave, o orçamento de Estado de 2008 não dá quaisquer sinais de uma consistente inversão nesta tendência, de forma a recuperar o atraso e demonstrar um real empenhamento em cumprir com o compromisso de chegar aos 0,51% em 2010.*

*Esta realidade fria dos números não nos pode fazer esquecer que também noutros domínios da Ajuda Pública ao Desenvolvimento, Portugal não está a cumprir..."*

Mais adiante diz o seguinte:

*"Num momento em que o Comité de Ajuda ao Desenvolvimento da OCDE questiona já a possibilidade de*

*os países mais pobres atingirem os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio em 2015, vimos manifestar o nosso propósito de continuar a fazer um seguimento do cumprimento das responsabilidades que o estado português assumiu neste domínio, tal como inscrito em “Uma visão estratégica para a cooperação portuguesa”, aprovada em Conselho de Ministros, e reportada ao exame do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento: o compromisso com o crescimento significativo dos montantes da Ajuda Pública ao Desenvolvimento e a sua concentração na luta contra a pobreza e no reforço das instituições dos países pobres...”*

O documento termina com a manifestação da seguinte posição:

*“- de uma clara valorização da política de cooperação para o desenvolvimento, tal como acontece com outras prioridades governamentais para a acção externa, como sejam os domínios da cultura, da economia ou da segurança*

*- da definição de passos concretos e um calendário associado aos compromissos já assumidos internacionalmente*

*- da adequação da arquitectura institucional da Ajuda Pública ao Desenvolvimento portuguesa, que reforce as condições de eficácia do sistema e da eficiência na utilização dos recursos,*

*e, em termos imediatos, consideramos ser legítima a exigência de um sinal claro de inversão de tendências negativas, com um reforço considerável dos meios previstos para o ano em curso, a concentrar de facto na luta contra a pobreza no mundo.*

Penso, pois, que este exemplo demonstra aquilo que dissemos: a necessidade da verdade, a necessidade da informação relevante e a necessidade do compromisso, para inverter a situação actual na luta contra a pobreza no mundo.

Portugal não pode deixar de assumir os seus compromissos internacionais, como não pode deixar de os assumir relativamente à situação da pobreza em Portugal.

**P.** *Sobre a pobreza no mundo, que dados possui que nos possam mostrar a situação real?*

**R.** De acordo com o relatório da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, o número de pessoas que vivem com menos de 1 dólar por dia nos 49 países mais pobres do mundo – principalmente em África – mais do que duplicou nos últimos 30 anos, chegando a 307 milhões, o que equivale a 65% da população. As estimativas são de que este número pode atingir os 420 milhões em 2015.

Apesar do crescimento económico apontado pelos dados macroeconómicos, na Ásia dois terços da população viveram com menos de 2 dólares por dia na segunda metade da década de 90, com uma média de consumo diário de 1,42 dólares.

Nos países mais pobres de África – que inclui 34 dos 49 países mais pobres do mundo – quase nove em cada dez pessoas vivem com menos de 2 dólares por dia, em comparação com o consumo “per capita” de 41 dólares por dia nos Estados Unidos.

O Congo é o país com o pior índice de pobreza, com 90,5% da população a viver com menos de 1 dólar por dia.

Estes são alguns dados que ilustram, de algum modo, a situação de pobreza no mundo.

Na Europa cresce o número de famílias a viver abaixo limiar de pobreza, tal como em Portugal.

*P. E, quanto ao que se passa em Portugal, tem alguns dados que possa revelar?*

**R.** Em Portugal existe um fenómeno curioso: o discurso do governo e das confederações patronais é o de que não se pode aumentar os salários, dado que a massa salarial disponível é muitíssimo superior à riqueza produzida. Ora, todos sabemos que os baixos salários praticados no nosso País são a causa próxima da má distribuição da riqueza produzida e indutores das desigualdades sociais existentes.

Repare nos dados que podem ser consultados no Banco de Portugal e que o Economista Eugénio Rosa compilou das seguintes fontes:

De 1970-1995 – Séries Cronológicas do Banco de Portugal e, 2002 – Estimativa feita a partir de dados, também do Banco de Portugal.

- Em 1973, portanto em data anterior à revolução de Abril de 1974, o Banco de Portugal referia que a parte do rendimento nacional que os trabalhadores recebiam sob a forma de “**Ordenados e Salários**”, representava 47,4% do Produto Interno Bruto (PIB).

Com a revolução, em 1974, essa parte subiu para 52,5% e em 1975 atingiu os 59%.

A partir desse ano, a parte do produto que os trabalhadores auferem, começou a decrescer, atingindo em 1995 apenas 35% do PIB e no ano de 2002, menos de 37%, segundo uma estimativa feita por aquele Economista, a partir dos dados do Banco de Portugal. Valores inferiores ao que se passava antes do 25 de Abril de 1974.

Também de acordo com o estudo *“Rendimento, Desigualdade e Pobreza”* do Instituto Nacional de Estatística, com data de Junho de 2002, 20% da população portuguesa com rendimentos mais baixos (cerca de 2 milhões), recebe apenas 5,9% do Rendimento Líquido Nacional, enquanto 20% dos mais ricos recebem 44,9% daquele rendimento. Isto significa que os 20% mais ricos recebem 7,6 vezes mais do que aquilo que recebem os 20% mais pobres (pág. 29 do estudo referido).

**P.** *Considerando que o nosso tempo chegou ao fim, temos de terminar a nossa conversa de hoje, com pena nossa.*

*Penso que ficou claro que a pobreza tem novos rostos e se reveste de novas formas.*

*Quer concluir muito brevemente?*

**R.** O tema é inesgotável, aliás já foi abordado, por nós, noutros programas: no dia 18 de Julho de 2007 sobre o *“Trabalho, Economia e Sociedade”* e no dia 29 de Outubro em que abordámos o *“Desemprego como Fonte de Pobreza”* e não vai ser, certamente, a última vez em que falaremos de pobreza.

Em jeito de conclusão diria que é importante que o Governo equilibre as contas públicas, mas que não o faça à custa do agravamento da

carga fiscal para aumentar a receita, nem à custa da contenção salarial, para diminuir a despesa. Uma e outra atitude são geradoras de pobreza, de aumento das desigualdades e de instabilidade social.

Ser o pobre e o cidadão, que vive em exclusivo do seu salário e que para viver necessita de trabalhar, a terem de pagar todas as crises e todos os erros de governação.

As novas formas de pobreza têm a sua raiz em tudo aquilo que atrás referi e na inacção, incompetência na gestão e falta de sensibilidade política para olhar o cidadão como destinatário dos bens criados, gerados e transformados em todo o Mundo.

É um ultraje e um roubo, desequilibrar a distribuição da riqueza produzida.

Boa tarde

*P. Agradeço ao Elicídio Bilé esta mensagem que aqui deixou e despeço-me dos nossos ouvintes até ao próximo programa.*

*Muito Boa noite*

Portalegre, 7 de Maio de 2008

Elicídio Bilé